

A importância da leitura lenta, atenta e contínua

Por Fernando Barrichelo

HOJE EM DIA, NA CHAMADA ERA DIGITAL, o acesso à informação tornou-se extremamente fácil, a poucos cliques de distância. Para os jovens desta geração, é quase inimaginável aquele tempo em que pesquisas dependiam de livros físicos. Atualmente, temos uma infinidade de sites repletos de informações e mecanismos de busca, além dos milhões de livros e e-books disponíveis.

Apesar da vasta quantidade de informações e do acesso facilitado, o consumo da informação é precário. Diversos estudos indicam que os hábitos de leitura são cada vez mais superficiais e dispersos.

No livro *O Polímata*, Peter Burke observa que, embora o conhecimento esteja mais acessível, nem todas as mudanças foram benéficas. As redes sociais desempenham um papel crucial na divulgação de artigos, mas também promovem o fenômeno da "ansiedade da informação". Na minha timeline, o excesso de conteúdos é tão grande que frequentemente me vejo lendo posts apressadamente. Quando texto é longo, salvo para "ler depois", mas raramente volto a ele.

Burke destaca essa leitura superficial e rápida, característica do consumo digital, nos ameaça transformar em **meros decodificadores de informações**. Como ele diz:

"As novas mídias produziram uma abundância excessiva de mensagens. O volume de novas informações e a velocidade com que chegam não permitem seu **'cozimento'**, ou seja, sua **transformação em conhecimento**. A turbulência que estamos enfrentando dificulta o discernimento."

Autores como Mariane Wolf e Nicholas Carr compartilham o receio de que a **leitura lenta, atenta e contínua** seja perdida, substituída pela leitura superficial e apressada. Houve uma época em que cursos de leitura rápida eram populares entre estudantes acostumados a consumir textos do começo ao fim. Hoje, no entanto, **parece mais urgente oferecer cursos de leitura lenta**.

Mortimer Adler, em seu livro *Como Ler Livros*, publicado em 1940, muito antes da era digital, já explorava o processo de aprendizado

por meio da leitura e enfatizava a importância de uma abordagem lenta e atenta. Para Adler, todo aprendizado genuíno é ativo, nunca passivo. Mesmo o professor mais competente não pode ensinar nada a alguém que não esteja disposto a **se esforçar para aprender**. A palavra escrita, seja em livros ou artigos, pode desempenhar o papel de profes-

sor tão bem quanto a palavra falada. Adler também ressalta que a arte de ler e a arte de ouvir possuem muitas semelhanças.

Um ponto central de sua obra é a distinção entre dois tipos de leitura: a **leitura por prazer** e a **leitura para aprendizado**. A leitura por prazer é algo que todos praticamos. Trata-se de uma leitura despreocupada, destinada a passar o tempo, distrair ou entreter. O aprendizado, nesse caso, pode até ocorrer, mas de forma acidental.

Por outro lado, a leitura voltada ao aprendizado é intencional. Quando lemos com o objetivo de aprender algo, Adler é categórico:

"Não quero dar ao aprendizado um estímulo



A diferença entre a leitura passiva e a ativa é inconfundível. Os sinais jamais nos deixariam confundir: quando você lê ativamente, **você realmente cansa**.

falso, repetindo o que algumas pessoas dizem: "o aprendizado é sempre divertido". **Não é sempre divertido**. Às vezes, o aprendizado é um trabalho duro. Na verdade, é frequentemente assim. E, na minha própria experiência, o que geralmente acontece é que quanto mais doloroso for o próprio processo de aprendizado, mais o resultado final tende a ser proveitoso”.

No contexto da leitura para aprendizado, Adler identifica duas formas distintas: uma mais fácil e outra mais desafiadora. A forma mais fácil é a **leitura para informação**, cuja finalidade é adquirir conhecimento factual, como a busca de dados em jornais, revistas ou registros históricos. Nesse nível, a leitura permite que uma pessoa seja considerada alfabetizada no sentido básico, ou seja, capaz de obter informações em publicações acessíveis. Este, no entanto, é apenas o padrão mínimo de alfabetização, representando o que geralmente se espera de uma "população alfabetizada": pessoas aptas a consumir informações em textos simples como jornais ou revistas.

Adler define o segundo tipo de leitura, mais desafiador e recompensador, como a "**leitura para iluminação**". Nesse caso, o objetivo não é apenas conhecer fatos, mas compreender ideias e ampliar a capacidade de entendimento. Esse tipo de leitura envolve enfrentar textos que **estão ligeiramente além de suas habilidades atuais**. Quando um livro ultrapassa seu nível de compreensão inicial, ele oferece a oportunidade de elevar-se de um estado de menor entendimento para um nível mais avançado. No entanto, isso não ocorre automaticamente. Não basta folhear ou observar o livro; é necessário esforço ativo e dedicação, pois o aprendizado exige uma leitura engajada, e não passiva. Ele diz:

“O que eu quero dizer com leitura ativa? Simplesmente isto: que você se mantenha acordado enquanto lê. E quando eu digo acordado, eu não

quero dizer simplesmente para manter seus olhos abertos enquanto sua mente vai dormir. Como você se mantém acordado enquanto lê? Fazendo perguntas, questionando a si mesmo sobre o livro e fazendo perguntas ao livro para o autor responder. A diferença entre a leitura passiva e a ativa é inconfundível. Os sinais jamais nos deixariam confundir: **quando você lê ativamente, você realmente se cansa**. Há um trabalho envolvido. Quando há um esforço, em vez de diversão, você se cansa. Contudo, se você lê um livro por uma hora ou duas e não se cansa, então você não está lendo ativamente neste sentido. E há outros sinais de leitura ativa: lápis e papéis, anotações, marcações, sublinhar passagens nas páginas. Este é meu melhor teste para saber se você está lendo ativamente ou não”.

Essa reflexão nos permite contrastar a **leitura superficial e rápida**, predominante no ambiente digital, com a **leitura voltada ao aprendizado** e à iluminação, que exige mais tempo e esforço. Ao buscar o equilíbrio entre esses dois mundos, podemos aproveitar o melhor da era digital — com seu acesso ilimitado à informação — e o valor duradouro da leitura reflexiva e aprofundada.

REFERÊNCIAS

1. BURKE, P. O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag. Editora Unesp. 2020.
2. ADLER, M. Como ler livros. Editora É Realizações. 2010.
3. ADLER, M. Como pensar sobre as grandes ideias. Editora É Realizações. 2013.
4. CARR, N. A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros. Editora Agir. 2019.
5. WOLF, M. Proust and the Squid: The story and science of the reading brain. Harper Perennial. 2008.



FERNANDO BARRICHELO é executivo, mas escreve sobre pensamentos e raciocínios. Ou seja, sobre a vida e sobre todos nós.